

Êxodo aumenta as favelas em Cachoeiro

(09)

Rossini Amaral

Cerca de 100 famílias migraram do interior de Cachoeiro de Itapemirim para a periferia da cidade somente neste ano. O êxodo rural, que nos últimos cinco anos se intensificou devido ao desestímulo especialmente no setor cafeeiro, por causa dos baixos preços do produto no mercado aliados aos elevados custos de produção, sofreu novo impulso com a estiagem que assola a região há cerca de 10 meses. Nos municípios mais afetados pela seca como Itapemirim, Presidente Kennedy, Rio Novo do Sul e parte de Cachoeiro, o produtor está descapitalizado e sem alternativas para continuar produzindo. Em Atílio Vivácqua, outro município também afetado pela estiagem, mais de 30 famílias deixaram o meio rural atraídas por empregos nas marmorarias de Cachoeiro, engrossando a periferia da cidade que não possui infraestrutura e nem capacidade de absorver a mão-de-obra disponível, acentuando a sua condição de cidade-satélite.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cachoeiro de Itapemirim, Nilton Brandolini, disse que na realidade o número de trabalhadores que migraram do interior nos últimos meses é bastante superior aos índices oficiais. "Não só conhecemos o número de famílias que deixaram o meio rural quando é feito o desligamento do sindicato, o que nem sempre acontece", explicou. Acrescentou que muitas vezes os trabalhadores não dão baixa na filiação, o que dificulta uma estatística mais precisa.

Conforme Brandolini, a maior reclamação por parte dos trabalhadores rurais é em relação à aposentadoria, além da falta de perspectivas a uma política agrícola que melhore as condições de vida no campo. "Há quase dois anos, a nova Constituição foi promulgada e até agora a questão da aposentadoria rural não foi resolvida", frisou. O trabalhador rural que se aposenta aos 65 anos recebe o equivalente a meio salário mínimo por mês, depois de mais de 50 anos de trabalho. "A própria Constituição determina que nenhum trabalhador pode receber remuneração inferior ao salário mínimo vigente", observou.

Desestímulo

Na opinião do sindicalista,

"esse desrespeito aos trabalhadores rurais" tem funcionado como um desestímulo. O problema do êxodo rural, contudo, não é recente e é gerado por outras causas, conforme admitiu. "Há vários anos, o pessoal está deixando o interior e se amontoando nas periferias para viver de subempregos", assinalou, acrescentando que a situação se intensificou nos últimos meses em decorrência da seca. "Há uns quatro anos filiávamos uma média de 500 trabalhadores por ano e, atualmente, as novas filiações não chegam a 100", disse.

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais considerou que os baixos preços dos produtos agrícolas está deixando os produtores rurais em apuros. Como grande parte dos trabalhadores vive na condição de meeiros, a situação se torna difícil. "Muitas lavouras de café estão sendo abandonadas e nem os pequenos produtores estão podendo adubar", salientou. Brandolini assegurou que a saída de trabalhadores do meio rural está ocorrendo em todo o município e não em regiões específicas, como chegou a ocorrer há alguns anos.

Favelas

Cachoeiro de Itapemirim, que

durante muitos anos ostentou com orgulho o fato de não possuir favelas, atualmente conta com algumas em franca expansão, especialmente o bairro Village da Luz. Naquele bairro, o número de barracos construídos com restos de madeira e caixas aumenta dia a dia. Sem nenhuma infra-estrutura, nem mesmo água encanada, as condições de vida são as piores possíveis. Em rápida conversa com os moradores, constata-se que a grande maioria é procedente do interior. Noutros pontos do município também já começam a surgir invasões e a sobrevivência é garantida com biscoites.

Já o presidente em exercício do Sindicato Rural de Cachoeiro de Itapemirim, José Carlos Caiado, analisou o êxodo rural na região como um problema mais complexo, cujas causas não estariam relacionadas, prioritariamente, à qualidade de vida no interior. "A qualidade de vida não é o fator determinante nesses processo, caso contrário, ele se inverteria à medida em que o trabalhador encontrasse condições piores nas periferias das cidades", considerou.

Na sua opinião, o êxodo está

Andrade, biscate na cidade

Sebastião Ribeiro de Andrade tem 33 anos, dos quais 32 viveu no campo. Em novembro do ano passado ele decidiu abandonar a sua atividade de lavrador — trabalhava na condição de meeiro — e se mudou para a cidade. O motivo que o levou a tomar tal decisão, ele assegura que foi a busca de melhores condições de vida para sua família, especialmente os filhos que agora poderão estudar. Esse trabalhador, apesar de todas as dificuldades durante os anos em que viveu no campo, admite que as suas condições de vida mudaram. Ao mesmo tempo em que acredita que está tendo mais conforto — a casa em que morava não tinha energia elétrica — ele admite

que não se alimenta com a mesma fartura de antes. "Agora tudo o que a gente quiser comer tem que comprar", assinala.

Atualmente, Sebastião Andrade não tem emprego fixo e vive de biscate. Quando morava no interior ele plantava café, milho e feijão. Na sua opinião, a falta de preços de garantia para esses produtos é que está provocando a saída dos trabalhadores do meio rural. Acrescentou que um grande número de conhecidos seus estão deixando o meio rural atraídos por empregos nas pedreiras. Ele considerou ainda que "na cidade, o rendimento é mensal, enquanto na zona rural o dinheiro custa mais a aparecer".

relacionado à falta de estrutura agrícola. "A estrutura agrária brasileira até hoje não se revelou capaz de conter o trabalhador no campo", observou. A solução do problema, em linhas gerais, conforme frisou, está no zoneamento agrícola. "É preciso levantar as vocações de cada região e promover o disciplinamento na produção", apontou, referindo-se ao município de Atílio Vivácqua, onde a base econômica, que é agropecuária, atravessa um dos momentos mais críticos.

Mudanças

Naquele município, de acordo com informações do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, o número de famílias que deixaram o meio rural desde o início do ano, já ultrapassa 30. Grande parte dessa mão-de-obra tem sido absorvida pelas marmorarias de Cachoeiro de Itapemirim. Contudo, qualquer visitante menos desatento vai observar que a cidade está em processo de franco inchamento. As características iniciais da sede do município, uma pequena vila cortada por uma avenida central, que se ramifica em poucas ruas, já começa a mudar.

A chegada dos migrantes do interior e também dos de cidades maiores à procura de condições moradias a custo mais baixos está provocando um crescimento desordenado. Os bairros começam a aparecer sem nenhum planejamento e os reflexos podem ser observados no abastecimento de água potável, uma vez que em determinados pontos da cidade, é freqüente a falta d'água. Naquele município, o êxodo está se dando de forma mais intensa na zona de produção de café, especialmente na Fazenda Três Tombos.

O presidente do Sindicato Rural, José Carlos Caiado, salientou que a seca que há mais de 10 meses atinge a região está influenciando significativamente, embora ressaltasse que ainda não está havendo escassez de mão-de-obra na zona rural, apesar da saída de um bom número de trabalhadores. Ele alertou para o fato de que se não forem tomadas providências urgentes nos municípios mais atingidos, a situação vai ficar ainda mais difícil. Uma alternativa, segundo disse, seria o fornecimento de equipamentos agrícolas e sementes por parte dos órgãos competentes para que o produtor pudesse recuperar sua produção entre os meses de setembro e março.